



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

OCIDENTAL-UnB, DO ENTORNO PRA UNIVERSIDADE

Marcelo Tobias dos Santos da Costa

Brasília-DF, junho/2018.



Marcelo Tobias dos Santos da Costa

Memorial do produto:

OCIDENTAL-UnB, DO ENTORNO PRA UNIVERSIDADE

Memória do projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sob orientação da professora doutora Márcia Marques.

Brasília-DF, junho/2018.

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

OCIDENTAL-UnB, DO ENTORNO PRA UNIVERSIDADE

Memória do projeto experimental
apresentado à Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do
título de bacharel em Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo

Banca examinadora

Orientadora: Professora Dra. Márcia Marques

Professora Me. Erika Bauer de Oliveira

Professor Me. Paulo José Araújo da Cunha

Professora Dra. Rose May Carneiro
(Membro Suplente)

Defesa: 29 de junho de 2018

“O homem branco quer que os homens pretos permaneçam imorais, depravados e ignorantes. Enquanto permanecermos nessas condições, continuaremos a suplicar, e o homem branco nos controlará. Jamais poderemos conquistar liberdade, justiça e igualdade enquanto não estivermos fazendo por nós mesmos!”

Malcom X

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à UnB, graças a essa universidade que muitas vezes é mãe, outra é carrasca, hoje sou uma pessoa melhor. Obrigado pelo conhecimento acadêmico e pelo conhecimento de vida.

Aos meus pais, Rose e Ari, muito obrigado por todo amor, carinho e dedicação. Obrigado por me ensinarem que a única riqueza que eu poderia ter na vida é a educação e que isso ninguém poderia roubar. Sem vocês nada disso seria possível. Amo vocês incondicionalmente.

À minha irmã, Mariane, minha companheira diária de UnB, a tua força me inspirou todos esses anos. Obrigado por aguentar todos os meus estresses, choros e lamentações.

À equipe que me ajudou na gravação do documentário, sem vocês, tirar essa ideia do papel não seria possível. Obrigado Isis, Gabriel, Jessica, Ana Paula e Sarah, por me ajudarem.

Aos meus avós, tios, primos e primas. Essa não é apenas uma vitória minha, mas uma vitória nossa. Obrigado por não fazerem com que eu esqueça as minhas origens.

À minha orientadora, Márcia Marques, que por ter uma trajetória tão semelhante a minha, me mostrou que a universidade pública e o ensino de qualidade devem ser defendidos e que o nosso dever é devolver à sociedade o investimento que é feito na nossa educação.

À minha professora de Física, Débora. Obrigado por falar da UnB, do PAS e do vestibular, naquela sala de 1º ano do ensino médio. Obrigado por dizer todos os dias que todos nós éramos capazes.

Aos meus amigos e companheiros de ensino médio, universidade e de intercâmbio. Muito obrigado por fazerem parte da minha história, das festas, das gracinhas em sala de aula, das reclamações e incertezas da vida adulta que nos espera.

Aos meus ex-chefes e ex-colegas de trabalho (da UnBTV, Correio Braziliense e Senado Federal), muito obrigado pelas dicas, puxões de orelha e principalmente por tudo que vocês me ensinaram. Tenham certeza de que eu guardo cada um de vocês no meu coração.

São inúmeras as pessoas que fizeram parte da minha trajetória e que eu agradeço muitíssimo. Obrigado!

Por último e não menos importante, muito obrigado as minhas três melhores amigas, Isadora, Brenda e Milena. Obrigado por aguentarem a minha ausência, as minhas reclamações e choramingos sobre a UnB, a vida e o TCC. Sou muito grato ao destino por ter colocado cada uma de vocês na minha. Vocês são muito especiais pra mim.

RESUMO

Este é o memorial descritivo do processo de produção do projeto “*Ocidental-UnB, do Entorno pra Universidade*”, um documentário que conta a história de cinco alunos de escolas públicas que entraram na UnB. O projeto foi produzido com a ajuda de alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. No documentário são entrevistados Elaine Jansen, Mariane Costa, Matheus Santos, Talyta Viana e Thayene Oliveira, que contam suas trajetórias para entrar na universidade. Além disso, cada um conta o que mudou em suas vidas depois de terem entrado na UnB e quais os planos para o futuro.

Palavras-chave: Cidade Ocidental – universidade – documentário – UnB – estudantes.

ABSTRACT

This is the descriptive memo of the production process of the project "*Ocidental-UnB, do Entorno pra Universidade*", a documentary that contains the history of five groups of teaching that entered the UnB. The project was produced with the help of students from the Faculty of Communication of the University of Brasilia. In the documentary are interviewed Elaine Jansen, Mariane Costa, Matheus Santos, Talyta Viana and Thayene Oliveira, who tell their trajectories to enter the university. In addition, each of the opportunities that have changed after joining UnB and are the plans for the future.

Key words: Cidade Ocidental – university – documentary – UnB – students.

SUMÁRIO

1 – APRESENTAÇÃO.....	10
2 – PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
3 – JUSTIFICATIVA.....	13
4 – OBJETIVOS.....	15
4.1 – Objetivos Gerais.....	15
4.2 – Objetivos Específicos.....	15
5 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
5.1 – Documentário.....	16
5.2 – Jornalismo Documental.....	20
5.3 – Cidade Ocidental.....	23
5.4 – Universidade de Brasília (UnB).....	24
6 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
6.1 – Pré-produção.....	28
6.2 – Produção.....	29
6.3 – Pós-produção.....	30
7 – ORÇAMENTO.....	31
8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
9.1 – Referências Audiovisuais.....	34
10 – ANEXOS.....	36

1- APRESENTAÇÃO

Entrar em uma universidade pública, como a Universidade de Brasília, é uma conquista muito grande. Para um aluno de escola pública é ainda maior, tendo em vista que a trajetória traçada por esse aluno para chegar à universidade é bem diferente do caminho percorrido por um aluno que estudou em uma escola particular.

A partir das minhas vivências e experiências enquanto aluno de escola pública do Entorno de Distrito Federal, eu já tinha a percepção desse caminho árduo que é entrar na UnB. Assim, com essa ideia formada, a intenção do documentário é a partir das entrevistas e das experiências relatadas pelos entrevistados, mostrar como é a jornada de um aluno que estudou em uma escola do Entorno de DF até entrar na universidade.

Apesar de não ser dito durante os depoimentos, todos os entrevistados entraram na universidade por programas de ações afirmativas. Esse fato somado com seu lugar de origem faz com que aconteça uma interação entre esses estudantes, fazendo com que todos eles se conheçam.

Mayorga e Souza (2012) defendem que é importante mostrar por meio de publicações, produções científicas, materiais audiovisuais, a história desses estudantes, uma vez que esses alunos possuem muitos pontos em comum e a exposição desses processos é muito importante para haja conhecimento dos problemas que os estudantes enfrentam para ingressar, permanecer e se inserir na universidade.

A entrada em programas de ação afirmativa na universidade surge na vida desses alunos como um momento e espaço em que encontram pessoas com trajetórias parecidas às suas, sendo apontados como ambientes de proveitosas discussões e reflexões e como locais de acolhimento em momentos em que a trajetória na universidade é fortemente marcada por desafios e exclusões. Identifica-se também a inserção nesses grupos como momento privilegiado de ressignificação de suas trajetórias pessoais e coletivas, principalmente dentro da universidade. O grupo de estudantes formado por jovens negros e pobres se estabelece como uma rede de apoio de pares, em que as dificuldades e os dilemas, assim como as estratégias de superação, podem ser compartilhados e coletivizados. (MAYORGA e SOUZA, 2012, p.272)

O intuito do documentário é registrar a relação de alunos que moram na “margem do DF” com a UnB. Os alunos relatam um pouco da sua relação com Cidade Ocidental, suas famílias e principalmente a relação que tem com a universidade. Já que muitas vezes entrar em uma universidade pública não garante que a jornada será mais fácil.

2 – PROBLEMA DE PESQUISA

Será que eu tenho condições de entrar na UnB? A universidade pública é pensada pra quem? Para o filho do empresário, do político influente, ou para o filho do motorista de ônibus, da empregada doméstica, do gari? A UnB é pra mim, que vim da periferia? Para muitas e muitos estudantes pobres, que têm que decidir entre comprar uma xerox ou um pão de queijo para aguentar a hora de jantar do RU, essa é uma pergunta frequente. Eu já me fiz essa pergunta diversas vezes.

Um dos problemas de pesquisa que norteiam a produção desse documentário é: como utilizar o conhecimento adquirido no curso de Jornalismo para despertar o sentimento de representatividade em alunos de escolas públicas do Entorno? Machado (2014) defende “é necessária uma coligação de esforços, dos diversos atores que participam da formulação de políticas, não apenas na esfera estatal, mas também da sociedade civil”. Partindo dessa afirmação, meu papel enquanto indivíduo é me esforçar para contribuir e formular alguma iniciativa que sirva de apoio a esses estudantes.

Como a linguagem audiovisual pode ser utilizada para que retrate a trajetória desses estudantes, sem criar estereótipos e respeitar suas histórias? Esse foi outro problema de pesquisa que fez parte do processo de entrevista e montagem do documentário. A intenção era que a narrativa contada nele se construísse de forma natural.

3 – JUSTIFICATIVA

Desde pequeno meus pais me ensinaram que os estudos eram a única herança que eles poderiam deixar para mim. Sempre me incentivavam a estudar, ser um bom aluno e tirar boas notas. Moro em Cidade Ocidental, entorno do DF, desde os sete anos – idade com que deixei São Luis do Maranhão com minha família em busca de melhores condições de vida, e sempre estudei nas escolas públicas da cidade.

Aos 12 anos mudei para o Colégio Estadual Divina Olímpio Miranda, onde estudei do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Ao todo foram seis anos estudando na mesma escola. Em 2010, quando estava no 1º ano do ensino médio, ouvi falar pela primeira vez sobre a Universidade de Brasília. A professora Débora Benai, de Física, falou sobre o Programa de Avaliação Seriada (PAS), como ele poderia nos ajudar a entrar na UnB e o que era a universidade pública. E sempre nos dizendo do quanto éramos capazes, apesar de estudarmos em uma escola pública.

Em 2013 fui aprovado na UnB, pelo PAS e pelo vestibular. No entanto, fui o único aluno da minha escola a entrar na UnB. Nas duas últimas etapas do PAS fui o único aluno da escola a me inscrever na avaliação, assim como no vestibular. Entrei para Pedagogia, no entanto, em 2014 mudei para Jornalismo. Na universidade sempre que perguntavam de qual escola eu vinha, nunca escondi. Vim de uma escola pública do Entorno. E no percurso Cidade Ocidental-UnB, feito na maioria das vezes de ônibus, conheci outros estudantes que tinham a história muito parecida com a minha e percebi que não estava sozinho.

Em 2017 fiz um intercâmbio para Portugal e durante uma viagem para Alemanha, comecei a analisar a minha trajetória de vida. De onde eu vim – periferia de Cidade Ocidental, e onde eu estava – na Europa, do quanto poderia ajudar outras pessoas contando a minha história, ou a história de vida de outras pessoas que estavam na UnB, tendo em vista que a grande maioria das coisas que consegui, foi graças à UnB e como eu poderia devolver para a sociedade o investimento que ela fez na minha educação.

Durante um ano, estagiei na edição de vídeos produzidos pela UnBTV – canal de televisão da UnB -, onde tive um contato com a produção de materiais audiovisuais, anteriormente tinha trabalho na reportagem do canal. Essa experiência contou muito para que eu escolhesse produzir um documentário. Com isso, era possível colocar em prática o conhecimento jornalístico adquirido em sala de aula e nos estágios, sendo repórter, e os conhecimentos enquanto editor de vídeos.

Rocha (2004) define o documentário como uma maneira de lidar diretamente com a realidade, a partir do retrato do cotidiano sob o ponto de vista do diretor. Para o autor, essa é antes de tudo uma forma de contar uma história.

O documentário é uma obra que lida diretamente com a realidade, buscando retratá-la a partir dos acontecimentos cotidianos, enfocados sob o ponto de vista do diretor. Fazê-lo consiste, antes de tudo, em contar uma história. Ou melhor, um fragmento da história, devidamente condicionado por um “olhar”. Daí a importância da elaboração de uma estrutura narrativa que possibilite abordar o tema, expor o ponto de vista do diretor e dar forma visual e textual ao filme, se possível de maneira atrativa e pouco enfadonha. (ROCHA, 2004, p. 46)

A intenção desse projeto é contar um pouco da trajetória desses cinco estudantes, aumentar o sentimento de representatividade, mostrar que estudar na UnB não é impossível e que ela é pensada para todos. E que apesar de sermos desacreditados a todo o momento, sejam por professores, amigos, familiares, estudar em uma universidade é algo que podemos alcançar.

4 – OBJETIVOS

4.1 – Objetivos Gerais

Registrar e documentar a trajetória de cinco pessoas que estudaram em escolas públicas de Cidade Ocidental, entorno do Distrito Federal, até entrarem na Universidade de Brasília.

4.2 – Objetivos Específicos

- * Contar as dificuldades, histórias e conquistas dos entrevistados, para que outros alunos se sintam representados;
- * Contribuir para que outros estudantes de escolas públicas, em especial os de Cidade Ocidental, consigam entrar na UnB;
- * Mostrar que a universidade pública é um espaço que também pode e deve ser ocupado por alunos que não vem de escolas particulares;
- * Criar um material audiovisual que possa ser utilizado em escolas e/ou palestras que motivem e ajudem alunos a entrar em universidades.

5 – REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 – Documentário

Desde a concepção inicial do trabalho, ainda na disciplina de Pré-Projeto, a intenção era produzir um material audiovisual que falasse sobre representatividade; até então, representatividade negra LGBT. No entanto, com a mudança de tema, o formato de documentário pareceu ser a melhor saída. Por se tratar de um produto que pode ser veiculado tanto na televisão, quanto em mídias digitais.

Bill Nichols (2005), afirma em seu livro *Introdução ao Documentário*, que o documentário não é uma reprodução perfeita da realidade, no entanto, defende a importância desse gênero cinematográfico na apresentação de novas visões sobre questões sociais:

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, [...] teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2005, p.47)

Mostrar que alunos de escolas públicas do Entorno, apesar de enfrentarem muitas dificuldades também conseguem entrar na universidade, era a intenção do projeto desde a sua idealização. O objetivo era expor as dificuldades, alegrias e outras experiências boas e ruins que os entrevistados tiveram até entrarem na UnB. Partindo desse princípio, o documentário se mostrou a melhor forma de expor e registrar essas histórias. Bill Nichols (2005) ressalta que existem dois tipos de documentários: de satisfação dos desejos e os de representação social.

Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. (NICHOLS, 2005, p. 26)

Esse tipo de material audiovisual possibilita a análise e compreensão de histórias ou argumentos da sociedade a partir de uma nova perspectiva. Bill

Nichols (2005) relembra que os documentários podem falar a favor dos interesses dos sujeitos.

Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que o exploremos e compreendamos. [...] Do documentário não tiramos apenas prazer, mas uma direção também. [...] Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. (NICHOLS, 2005, p. 27)

Ainda segundo Bill Nichols (2005), o documentário de representação social pode ser dividido em seis subgêneros: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O poético surge na década de 1920, e não tem a intenção de registrar dados, fatos históricos, ou de tentar persuadir o público de alguma ideia específica. “Começou alinhado com o modernismo, como uma forma de representar a realidade em uma série de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e ações vagas”, afirma o autor (NICHOLS, 2005, p. 140).

O modo expositivo também aparece nos anos 1920, e está muito relacionado ao formato presente em canais pagos de televisão. É o gênero que usa a montagem de evidência, onde a voz de Deus narra a cenas do documentário, acompanhada de imagens que servem como base para as afirmações dessa voz, que no geral mostram informações e defendem um determinado ponto de vista sobre algum fato histórico com a intenção de persuadir.

Um documentário expositivo pode fazer muito sentido e ser muito perspicaz em uma determinada época, e em outra não fazer sentido nenhum. Um exemplo é a série *Por que lutamos*, 1942, de Frank Capra, em que o diretor mostrava motivos que justificavam o ingresso de jovens norte-americanos a lutar de bom grado na Segunda Guerra Mundial, apelando para a proteção dos valores estadunidenses e ao patriotismo, somados às atrocidades cometidas pelos exércitos de Hitler.

O modo observativo surgiu na década de 1960 como uma alternativa distinta ao estilo poético, que não tinha a intenção de passar informação, e ao expositivo, que tinha a intenção de persuadir muito forte. O observativo tem como principal característica a observação espontânea da vida. Ele parte da

premissa de que a cena teria sido da mesma maneira se a câmera não estivesse lá.

Os filmes observativos mostram uma força especial ao dar uma ideia da duração real dos acontecimentos. [...] A presença da câmera "na cena" atesta sua presença no mundo histórico. Isso confirma a sensação de comprometimento ou engajamento com o imediato, o íntimo, o pessoal, no momento em que de ocorre. Essa presença também confirma a sensação de fidelidade ao que acontece é que pode nos ser transmitida pelos acontecimentos, como se eles simplesmente tivessem acontecido. (NICHOLS, 2005, p. 149-150)

Também surgidos nos anos 1960, os documentários participativos retratam o mundo histórico da forma que são representados por alguém que esteja engajado nele ativamente, e não por observadores discretos. O cineasta se insere no meio que ele está retratando por um longo período, para que ele possa transmitir e registrar o que observou da forma que ele acha a mais fiel possível. Intitulado por Rouch e Morin como *cinéma vérité*, "cinema-verdade", coloca o cineasta como agente ativo naquele meio, não apenas como uma verdade generalizada, vista no modo observativo (NICHOLS, 2005).

Como "cinema-verdade", a ideia enfatiza que essa é a verdade de um encontro em vez da verdade absoluta ou não manipulada. Vemos como o cineasta e as pessoas que representam seu tema negociam um relacionamento, como interação, que formas de poder e controle entram em jogo e que níveis de revelação e relação nascem dessa forma específica de encontro. (NICHOLS, 2005, p. 155)

Neste estilo, o cineasta pode atuar como agente investigativo, assim como antropólogos e jornalista. Pelo fato de estar inserido no meio, assim como no jornalismo, é possível que a voz do cineasta apareça em certos momentos como consequência da interação.

No documentário reflexivo, surgido na década de 1980, o cineasta não interage com outros atores sociais, mas sim com o público, para debater problemas e questões de representação. Segundo o autor, o tema de um documentário reflexivo pode ser o próprio documentário. Nele, o cineasta se comunica com o público debatendo problemas e questões de representação.

Para Nichols (2005), "em lugar de ver o mundo por intermédio dos documentários, os documentários reflexivos pedem-nos para ver o documentário pelo que ele é: um construto ou representação". O autor defende

que em documentários reflexivos as técnicas e convenções da estrutura narrativa são desafiadas.

Esses documentários nos fazem refletir sobre a representação do outro, enquanto o público é enganado achando que o que está vendo é real. E o ponto de virada se dá quando o mesmo público entende que o que está vendo é uma encenação sobre o tema, levando-o a pensar sobre como o assunto é representado.

O documentário reflexivo tenta reajustar as suposições e expectativas de seu público e não acrescentar conhecimento novo a categorias existentes. Por essa razão, os documentários podem ser reflexivos tanto da perspectiva formal quanto política. [...] De uma perspectiva formal, a reflexão desvia nossa atenção para nossas suposições e expectativas sobre a forma do documentário em si. De uma perspectiva política, a reflexão aponta para nossas suposições e expectativas sobre o mundo que nos cerca. (NICHOLS, 2005, p. 166-167)

O último modelo apresentado por Bill Nichols é o modo performático, assim como o reflexivo, teve sua origem nos anos 1980. Esse subgênero é focado no conhecimento material e utiliza as experiências e memórias, do emocional, valores e crenças para a partir de um ponto específico, construir uma percepção sobre as questões gerais a respeito de como a sociedade está organizada. A complexidade emocional dos temas é extremamente utilizada nesse gênero.

O documentário performático busca deslocar seu público para um alinhamento ou afinidade subjetiva com sua perspectiva específica sobre o mundo. Os documentários performáticos recentes tentam representar uma subjetividade social que une o geral ao particular, o individual ao coletivo e o político ao pessoal. A dimensão expressiva pode estar ancorada em indivíduos específicos, mas estende-se para abarcar uma forma de reação subjetiva social ou compartilhada. (NICHOLS, 2005, p. 171-172)

Dentre as características elencadas acima, podemos enquadrar o documentário *Ocidental-UnB, do entorno pra universidade* em dois dos subgêneros citados, participativo e performático. Eles se complementam e dessa forma possibilitam contar a trajetória dos entrevistados.

A interação de confiança causada pelo modo participativo possibilitou a aproximação entre o entrevistador e os entrevistados. Isso se deu porque todos estão extremamente ligados e relacionados com o tema que está sendo tratado

no documentário. Essa ligação faz com que haja uma união e uma identificação de pessoas que têm uma trajetória parecida com as personagens.

Quando os entrevistados se emocionam ao relembrar tudo que passaram, isso demonstra a complexidade e a delicadeza do tema, fica claro o modo performático, tendo em vista que eles representam, ou tentam representar a subjetividade social que une o todo ao particular, o individual ao coletivo e o político ao pessoal.

5.2 – Jornalismo documental

A forma que o entrevistador se porta durante todo o documentário - sempre invisível à câmera e sem deixar a voz audível - reforça que a intenção era destinar todo o espaço, ou maior parte dele para os entrevistados. Para chegar à decisão que o tema seria apresentado de forma documental, foi preciso refletir sobre o que é jornalismo documental e quais as suas características, além de diferenciar este produto de uma grande-reportagem. Como explicam Melo, Gomes e Morais (2001), para traçar as diferenças entre estes subgêneros do jornalismo, é preciso ir além do senso comum.

No caso do documentário e da grande reportagem de TV, alguns afirmam que um elemento diferenciador é a profundidade com que o assunto é tratado. Em contrapartida, pode-se argumentar que, tanto quanto o documentário, a grande reportagem também busca ir fundo na investigação dos fatos. Além do mais, quais seriam os parâmetros que iriam apontar a maior ou menor profundidade de um programa? Então, a profundidade não seria um critério válido para mostrar a diferença. Outros sustentam que a diferença entre reportagem e documentário diz respeito, unicamente, à questão do tempo de duração do programa. Enquanto o documentário seria mais longo, a reportagem, mais curta. A nosso ver, essa diferença simplifica demais o problema, pois, qual seria o limite de tempo que separa um gênero do outro? Não é possível classificar, de maneira consistente, uma matéria que dure 15 minutos como reportagem e, uma outra, com 15 minutos e 30 segundos, como documentário. As colocações feitas acima reforçam nossa afirmação de que o problema dos gêneros jornalísticos está longe de ser resolvido. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001).

Algumas questões serviram de motivo para que na construção deste trabalho o jornalismo documental fosse escolhido ao invés da grande-reportagem. Essas questões são apresentadas por Melo, Gomes e Morais

(2001) como primordiais ao subgênero documental. As mais relevantes na construção deste documentário foram:

a. CARÁTER AUTORAL

De forma diferente do que acontece nos outros gêneros jornalísticos, inclusive com a grande-reportagem, o documentário valoriza o olhar do diretor sobre seu tema e objeto. Enquanto matérias veiculadas nos mais diferentes meios de comunicação empregam uma suposta neutralidade, no documentário, o documentarista não precisa disfarçar a presença da subjetividade para contar a história de um fato. No entanto, é necessário reforçar que esta suposta neutralidade empregada pelo jornalista em grandes reportagens, não está relacionada com uma atitude de “má fé” do profissional em tentar ser imparcial, mas sim no fato de que, na seleção das imagens, na edição dos trechos das entrevistas e nas palavras escolhidas para produzir o texto em *off*, o repórter deixou sua marca de parcialidade.

O caráter autoral do documentário não tira a credibilidade do material produzido. Ou seja, a produção audiovisual não defende de forma incondicional os fatos e opiniões apresentados por um dos lados. Em um documentário, todas as versões da história devem ser abordadas e contextualizadas, para assim, fugir de um viés monofônico. Essa “atenção equitativa”, como as autoras denominam, tem a intenção de garantir que pessoas comuns possam defender seus pontos de vista sobre um determinado tema. Além de usar fontes de diversos segmentos, é importante ressaltar que o tempo destinado para que cada um apareça no documentário seja equilibrado. No entanto, é importante ressaltar que mesmo com toda a pluralidade de opiniões que são expressas no documentário, o autor quer que seus argumentos sejam representados.

[...] se por um lado o documentarista dá voz aos seus retratados com o objetivo de levar o espectador a tirar suas próprias conclusões em relação a um tema, por outro, esse mesmo documentarista almeja convencer o público de que a história que está sendo narrada tem uma moral - à semelhança das narrativas literárias. [...] Ou seja, por trás de uma “historinha” aparentemente despretensiosa, defendem uma moral, o que, na perspectiva de Gancho (1997), poderia ser considerada como “a mensagem do texto”. Podemos dizer, então, que a parcialidade no documentário é mais do que necessária, é

quase uma exigência do gênero. Nesse caso, cai por terra o mito da imparcialidade jornalística. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001)

b. NÃO OBRIGATORIEDADE DA PRESENÇA DE UM NARRADOR

Depois de decidido que este trabalho seria um documentário e que a narrativa poderia ser construída a partir da fala dos entrevistados, foi descartada a necessidade de narração, ou texto em *off*. Rocha afirma que as imagens de um documentário contextualizam o problema sem a necessidade de um narrador.

No documentário, o *off* não é um elemento obrigatório e, por isso, as imagens ganham maior importância, pois não são utilizadas apenas para ilustrar textos ou falas – elas têm significado em si mesmas. (ROCHA, 2004, p. 29)

O documentário também se difere de várias maneiras da grande-reportagem ou da reportagem televisiva. A opção por usar ou não a narração em *off* e também a forma como são expostos (ou apresentados) os discursos dos entrevistados traça características diferentes entre os dois gêneros. Melo, Gomes e Moraes (2001) defendem que, em documentários construídos majoritariamente por depoimentos, as “paráfrases discursivas” são extremamente necessárias para a compreensão do contexto.

As paráfrases atuam como elementos importantes da argumentação. Portanto, o funcionamento discursivo da paráfrase na prática jornalística revela um equívoco teórico dos cânones jornalísticos, que condenam o uso de repetições. Em vez de condenar a ocorrência de repetições, por não acrescentar um novo conteúdo informacional ao texto, dever-se-ia olhá-la como importante estratégia discursiva de redimensionamento do fato. Ao repetir, o jornalista está chamando atenção para determinada informação e, muitas vezes, está ancorando uma informação nova numa antiga, pois, é assim que se dá o processamento cognitivo de informações novas. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001).

Para as autoras, as “paráfrases discursivas” são indispensáveis para dar coerência à narrativa do documentário. Ao contrário do que ocorre em uma grande-reportagem ou nas matérias que são exibidas diariamente nos meios de comunicação, essa repetição de assuntos ao longo do documentário é uma estratégia discursiva importante para o redimensionamento do fato.

c. USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS COMO DOCUMENTOS

A utilização de imagens nas produções audiovisuais é de extrema importância tendo em vista que esse recurso faz com que o espectador se aproxime da realidade que é apresentada. Renault (2014, p. 53) afirma que, a imagem tem o poder de “condensar e sintetizar o que quer fazer ver”, diferente da linguagem escrita.

Melo, Gomes e Moraes (2001) ressaltam que, quando um documentário trata de questões sociais ou de biografias, existe uma valorização dos depoimentos e documentos para que, por meio das pessoas, o problema retratado seja contextualizado e caracterizado. As autoras destacam a relevância da inserção correta dos depoimentos na narrativa que é registrada em vídeo:

Os documentários fazem uso de documentos (imagens, fotos, filmes, vídeos, depoimentos etc.) que vão caracterizar uma narrativa própria desse gênero. Contudo, a simples sequencialização desses documentos não leva, por si só, à constituição de um documentário. Ao dizer isso, estamos chamando atenção para o fato de que muitos filmes ficcionais, embora façam uso de registros históricos, não podem ser classificados como documentários. Portanto, faz-se necessário identificar em que situações os documentos funcionam como elementos determinantes de uma narrativa documental. Também é imprescindível avaliar quais as diferenças de funcionamento desses documentos, quando são empregados em reportagens e em documentários. (MELO, GOMES e MORAIS, 2001)

No caso de *Ocidental-UnB, do entorno pra universidade*, não há uma apresentação de documentos ou algo do gênero. Isso se dá porque as pessoas são as maiores fontes de informação do documentário.

5.3 – Cidade Ocidental

Embora tenha crescido e vivido grande parte da vida em Cidade Ocidental, foi necessário pesquisar e me aprofundar sobre questões do município. Desde sua história, PIB, características geográfica, econômica e populacional.

O município de Cidade Ocidental foi fundado em 15 de dezembro de 1976, pela Construtora Ocidental Ltda. Era uma cidade pré-fabricada construída em terras que pertenciam à Fazenda Aracati, cujo proprietário chamava-se João Batista de Souza. A sede dessa fazenda localizava-se às margens de uma barragem no córrego Jacob, afluente do Rio Saia Velha. [...] Em 1987, com a promulgação da primeira Lei Orgânica de Luziânia, o Núcleo Habitacional, que contava com 6.796 unidades construídas, foi elevada à condição de distrito, com direito a uma administração local. (PREFEITURA DE CIDADE OCIDENTAL, 2018).

O censo do IBGE em 2010 estimou que em 2017, a população do município era de 66.777 pessoas. Localizada a cerca de 50 quilômetros de Brasília, a cidade tem um PIB per capita de 10,000, 82. O levantamento apontou que na época, a população era composta de 27.430 homens e 28.485 mulheres. No entanto, não existem levantamentos do número de pessoas que têm ou tiveram acesso ao ensino superior.

O município possui cinco escolas estaduais que ofertam além do ensino fundamental, ensino médio. São elas: Colégio Estadual Divina Olímpio Miranda, Colégio Estadual Dom Bosco, Colégio Estadual Jorge Amado, Colégio Estadual José Abílio e Colégio Estadual Ocidental. Segundo dados da Subsecretaria de Educação do Novo Gama (2018), as instituições de ensino possuem um total de 2.278 alunos matriculados no ensino médio no ano letivo de 2018.

5.4 – Universidade de Brasília (UnB)

A Universidade de Brasília foi fundada em 21 de abril de 1962 e já nasceu com a perspectiva de ser uma universidade inovadora. Concebida com a promessa de reinventar a educação superior, entrelaçar as diversas formas de saber e formar profissionais engajados na transformação do país. O antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição, o educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico e o arquiteto Oscar Niemeyer transformou as ideias em prédios.

A UnB foi criada para ser uma experiência educadora que unisse o que havia de mais moderno em pesquisas tecnológicas com uma produção acadêmica capaz de melhorar a realidade brasileira. De acordo com Darcy Ribeiro (1978), a estrutura administrativa e financeira da UnB foi toda trabalhada no conceito da autonomia, modelo muito usado pelos gestores universitários.

A UnB foi pensada, desde o primeiro momento, como um órgão de assessoramento público revestido de duas características fundamentais. Por um lado, a alta qualificação científica, e por outro lado, a completa liberdade docente e a perfeita autonomia acadêmica. (RIBEIRO, Darcy, 1978, p. 80)

A história de Darcy Ribeiro se entrelaça com a da UnB. Toda a utopia inicial da criação da Universidade de Brasília tem relação com Darcy Ribeiro. Apesar disso, Darcy sempre ressaltou a importância de todos os intelectuais que participaram do projeto e tornaram possível a criação da Universidade de Brasília. No livro UnB: invenção e descaminho, Darcy consegue mostrar como a construção da Universidade teve como base seu contexto histórico e social.

As mudanças que foram propiciadas pela história apresentam características das transformações que foram condicionadas pela sociedade, sendo assim a construção de uma capital moderna e progressista permitiu e criou a necessidade de uma universidade inovadora. O projeto e as propostas para a estruturação da UnB foram determinados pela experiência sociocultural de seus fundadores.

Mas afinal, o que faz da UnB, uma universidade diferente das outras? Seu projeto inicial foi inovador não somente pelo seu caráter libertário e dinâmico, de acordo com Darcy Ribeiro (1978), a crítica e análise das universidades nacionais feitas pela comissão foram as primeiras do país. Para ele, apesar da resistência da intelectualidade conservadora, o projeto da Universidade de Brasília apresentou uma autocrítica objetiva e direta das universidades e ofereceu como solução uma organização racional para tais. Dessa maneira, ocorreram reivindicações pelo país de reformas universitárias, pois as universidades da época eram incapazes de serem agentes da transformação e desenvolvimento do Brasil.

A Universidade possui esse papel de agregar estudiosos e intelectuais e nela são produzidas pesquisas que poderiam focar em temas da realidade nacional. Entretanto, a pesquisa por si mesma é inócua. Para que esse conhecimento seja útil e transformador, a universidade precisa ser integrada com a sociedade, servindo à comunidade, e cumprindo seu caráter público. A universidade burocratizada e profissionalizante é apenas uma reprodutora de técnicas. O objetivo máximo deste tipo de instituição é preencher as necessidades do mercado. A universidade profissionalizante não é capaz de criação e transformação, muito pelo contrário, serve como instrumento de manutenção do status quo.

A UnB surgiu como uma universidade que pela primeira vez seria um espaço de transformação social. Essa universidade inovadora, que para Darcy não seria somente um local de aulas, mas que englobaria pesquisas e projetos e a integração com a comunidade seria um lugar propício para a troca de ideias e criatividade, permitindo o florescimento de novas propostas científicas ou humanística. Somente a união de seus alunos permitiria o surgimento de uma consciência coletiva e proporcionaria a força necessária para transformação social.

A criação da UnB veio para modificar esse quadro, sendo ela uma universidade integrada, onde conhecimento seria buscado pelo seu valor intrínseco, e não mercadológico. Entre as propostas que estavam no projeto e criação da Universidade de Brasília, estavam: a formação de uma equipe que pudesse trabalhar de forma livre e autônoma o assessoramento de órgãos públicos, com foco principal na cultura. Sendo assim, a organização da universidade e mesmo sua arquitetura deveriam proporcionar um espaço favorável ao espírito criativo. É importante salientar que essa preocupação com a cultura da universidade está diretamente ligada ao seu funcionamento nos dias de hoje, aos fluxos comunicacionais e organizacionais que acontecem na universidade.

A estrutura planejada para a Universidade de Brasília seguia o seguinte modelo: dividida em Institutos Centrais de Ciência, Letras e Artes – responsáveis pelo saber fundamental -, Faculdades Profissionais – relacionadas à pesquisa e aplicabilidade das ciências -, e Órgãos

Complementares – dedicados à comunidade. As atividades científicas desses departamentos seriam administradas pelos Centros Interdisciplinar de Pesquisa, componente de cada Instituto Central e Faculdade Profissional.

6 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A elaboração deste projeto foi dividida em três etapas: Etapa 1, pré-produção (levantamento e leitura do referencial teórico, escrita do memorial do produto, escolha dos membros da equipe de produção do documentário e primeiro contato com os entrevistados); Etapa 2, produção (escrita do memorial do produto e gravações das entrevistas e Etapa 3, pós-produção (edição e finalização do documentário e do memorial).

6.1 – Pré-produção

A pré-produção começou em novembro de 2017, quando eu ainda estava no intercâmbio. Depois de conversar com a minha orientadora sobre a mudança de tema, comecei a sondar pessoas que eu tivesse afinidade e que topariam levar o projeto comigo assim que eu chegasse ao Brasil.

Em dezembro de 2017, comecei a pesquisar referências de documentários. Em janeiro de 2018, entrei em contato com os entrevistados. Fiz o primeiro contato por meio de redes sociais (*Facebook* e *WhatsApp*), onde expliquei qual era a intenção do projeto e como ele funcionaria. Todos aceitaram de prontidão.

Em fevereiro de 2018, fiz a primeira reunião com a equipe. Todos os membros, por coincidência do destino, trabalharam comigo na empresa júnior de Audiovisual, Pupila Audiovisual, com exceção da designer. Nessa primeira reunião fechamos o cronograma de filmagens, equipamentos necessários e locais das filmagens. Nesse mesmo período comecei a escrever este memorial, pesquisar bibliografia e mais referências audiovisuais. Entrei em contato com a primeira locação (minha antiga escola), que pediram que eu levasse uma declaração assinada pela minha orientadora que comprovasse a minha solicitação.

Em março de 2018, fechei o cronograma de cada dia de set, tive a minha primeira reunião de orientação e solicitei junto à Faculdade de Comunicação, alguns equipamentos que seriam utilizados durante as filmagens. Em conjunto com a equipe de produção visitamos o local de filmagem para pensarmos nos aspectos técnicos nos dias de set.

6.2 – Produção

A produção do documentário começou no dia 07 de abril, um sábado. No primeiro dia de gravação foram entrevistadas duas estudantes. Larissa Alencar, estudante de Nutrição e ex-aluna do Colégio Estadual Divina Olímpio Miranda. A segunda entrevistada foi a Talyta Vieira, estudante de Engenharia de Energia e ex-aluna do Colégio Estadual Ocidental.

O segundo dia de gravação aconteceu em 14 de abril, um sábado. Nesse dia foram entrevistados dois estudantes. Thayene Oliveira, hoje bacharel em Comunicação Organizacional e ex-aluno do Colégio Estadual Jorge Amado e Matheus Santos, aluno de Medicina e também ex-aluno do Colégio Estadual Jorge Amado. A principal dificuldade nesse segundo dia de gravações se deu pelo fato de a escola estar próxima de um ponto de moto-táxi. O que em algumas vezes atrapalhou no processo de produção e captação dos áudios das entrevistas.

O terceiro e último dia de gravação aconteceu no domingo, 15 de abril. Assim como nos dias anteriores, foram entrevistadas duas estudantes. Elaine Jansen, hoje bibliotecária e ex-aluna do Colégio Estadual Ocidental e Mariane Costa, aluna de Letras-Inglês e ex-aluna do Colégio Estadual Divina Olímpio Miranda. Assim como nos outros dias de gravação, o barulho das motos atrapalhou bastante no processo de captação do áudio das entrevistas.

Depois dos dias de gravação, algumas coisas que marcaram o processo de produção precisam ser destacadas. A primeira é o fato da escola em que gravamos estar próxima de um ponto de moto-táxi atrapalhou um pouco a captação do áudio. A segunda é que alguns momentos houve certa dificuldade em conduzir as entrevistas, isso se dá ao fato de no primeiro momento, eu – enquanto entrevistador, estar muito preso às perguntas que norteavam.

Por conta de problemas na captação do primeiro dia, foi necessário excluir a entrevista de um personagem. Enfim, o processo de produção desse documentário foi extremamente prazeroso, mas, ao mesmo tempo doloroso. Estar na universidade é uma luta diária. Por diversos momentos pensei em desistir do semestre e apresentar o documentário no semestre seguinte. A

academia me deixou doente, minha saúde mental ficou extremamente abalada durante toda a produção desse projeto experimental.

6.3 – Pós-produção

A pós-produção começou a ser feita ainda no período de produção do documentário. A partir do roteiro que tinha sido feito, comecei a sincronizar o áudio das entrevistas com as imagens. A edição foi feita por mim mesmo com programa Adobe Premiere. O diretor de som, Gabriel Pimentel, foi o responsável por editar todo o som do documentário, ele foi o responsável por igualar todas as entrevistas e tentar melhorar um áudio que foi corrompido durante as filmagens.

A vinheta de abertura foi pensada por mim e pela publicitária Sarah Silva. Por ser minha amiga, o serviço não foi cobrado e ela soube captar bem a essência do projeto por conta do convívio que temos. A ideia é que o mapa do Entorno do Distrito Federal se desenhe, e depois apenas o contorno de Cidade Ocidental fique aparente. Após isso, o contorno da cidade se sobressai e adentra o mapa do DF, que nessa hora vira o símbolo da UnB. A intenção é transmitir a ideia de que o entorno está ocupando a universidade.

7 – ORÇAMENTO

Valor gasto na produção desse documentário:

- Alimentação da equipe: R\$ 161,26
- Gasolina para deslocamento: R\$ 80,00
- Total: R\$ 241,26

Valor estimado pelos trabalhos oferecidos:

- Direção de câmera: R\$ 1.110,14
- Diária de câmeras DSLR: R\$ 600,00
- Técnicos de som: R\$ 2.220,28
- Direção de produção: R\$ 1.110,14
- Total: 5.040, 56

Valores estimados segundo a tabela do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto conseguiu alcançar três dos quatro objetivos específicos. O primeiro foi contar as dificuldades, histórias e conquistas dos entrevistados, para que outros alunos se sintam representados. Conversando com outros alunos, vários relataram que se viram nos depoimentos dos entrevistados, pois as vivências de muitos deles é igual ou muito parecida com as que foram abordadas no documentário.

O segundo resultado foi mostrar que a universidade pública é um espaço que também pode e deve ser ocupado por alunos que não vêm de escolas particulares. Os alunos entrevistados, a equipe que ajudou a produzir o documentário, todos são alunos de escolas públicas. Alguns das escolas do entorno do Distrito Federal, outros de cidades satélites e alguns de outros estados. E sim, isso mostra que aos poucos, nós, alunos de escola pública, mesmo que de forma lenta, estamos ocupando a universidade que também é nossa!

E por fim, a criação de um material audiovisual que possa ser utilizado em escolas e/ou palestras que motivem e ajudem alunos a entrar em universidades. Desde a concepção desse projeto de conclusão de curso a ideia foi produzir algo que ajudasse em especial os alunos das escolas públicas. Depois da apresentação à banca examinadora, uma cópia desse documentário será distribuída nas escolas de Cidade Ocidental, além das escolas, serão entregues em cursinhos populares e outras iniciativas que incentivem alunos a cursar ensino superior.

Gostaria de concluir ressaltando do quão árduo e doloroso foi o processo de produção desse documentário. Entrevistar os ex-estudantes (que também são meus amigos) e escutar todo o processo que passaram para entrar na universidade, foi reviver todo o processo que também passei. As entrevistas juntas somam mais de cinco horas de entrevistas, reduzi-las para o tempo do documentário não foi uma tarefa fácil.

Relatar todas essas histórias e dar voz a esses alunos foi o mais importante. Aprendi e compartilhei das dores e das alegrias de todas essas memórias. Por diversas vezes chorei junto com eles, mesmo por trás das câmeras, pois como disse antes, nossas vivências são quase as mesmas. A minha maior vontade agora, é que um dos objetivos específicos que listei seja alcançado. Que esse documentário contribua para que outros estudantes de escolas públicas, em especial os de Cidade Ocidental, consigam entrar na UnB.

Fico muito feliz que tenha conseguido produzir um material que não fique na academia. Fico muito feliz em saber que o conhecimento que eu adquiri e que o investimento que a sociedade fez ao custear meus estudos nessa universidade pública tenha valido a pena.

9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. IBGE. **Brasil/Goiás/Cidade-Occidental**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/cidade-occidental/panorama> - Acesso em: 01/04/2018

MAYORGA, Claudia, & SOUZA, Luciana Maria de. Ação Afirmativa na Universidade: a permanência em foco, 263-281. **Psicologia Política**, São Paulo, SP. v. 12, n. 24, maio/agosto 2012.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. In: INTERCOM - 25º CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, Campo Grande, 2001, Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf> - Acesso em 19/03/2018

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** Senac São Paulo. 2008

RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2014. P. 49-55.

RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Brasília: Editora Avenir, 1978.

ROCHA, Leonardo Coelho. **O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal**. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.html> - Acesso em: 25/03/2018.

SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE NOVO GAMA. **Informações Escolares sobre Cidade Occidental**. Novo Gama, 2018.

9.1 Referências audiovisuais

BITTAR, Eduardo. **Vai todo mundo saber – O documentário**. Produção: Eduardo Bittar. 29'. Brasil.

LEOTTI, Letícia e MARCELINO, Felipe. **Se essa escola fosse minha**. Produção: Letícia Leotti e Felipe Marcelino. 39'. Brasil.

MATARAZZO, André e FERRI, Gustavo. **Não Gosto de meninos.(I do not like boys)**. Produção: André Matarazzo e Gustavo Ferri. 18'. Brasil.

PARENTE, Marlon. **Bichas, o documentário**. Produção: Marlon Parente. 39'. Brasil.

TEDEX-UFPE. **BICHA: Resignificar para (re)existir**. Produção: TEDEX-UFPE. 18'. Brasil.

ANEXOS

Carta de Apresentação à _____

Documentário **Ocidental-UnB: do Entorno à Universidade**

Visão geral

O documentário, intitulado **“Ocidental-UnB: Do Entorno à Universidade”**, é um projeto idealizado pelo discente Marcelo Tobias, como produto de Conclusão de Curso em Comunicação Social - Jornalismo. O filme será produzido com o auxílio de alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, sob orientação de professores e profissionais já consolidados na área.

Trazendo aspectos formadores da sociedade, o documentário de aproximadamente 35 minutos visa retratar, através da trajetória e dificuldades vivenciadas pelo processo de estudo em escolas públicas da Cidade Ocidental - GO, a história de seis alunos da Universidade de Brasília.

Argumento

Contando com a perspectiva de Talyta, Mariane, Larissa, Matheus, Thayene e Elaine, ex-alunos de escolas públicas da Cidade Ocidental - GO, é apresentada ao espectador a história que se desenvolve a partir de como esses jovens guiaram seus passos até o ingresso como discentes na Universidade de Brasília - UnB.

Em uma primeira etapa, por meio de entrevistas em profundidade, com relatos do passado, será descoberto como e quando todos ouviram falar da UnB, a razão pela qual optaram pela instituição, os momentos marcantes de incentivo e desestímulo na busca por esse objetivo e qual foi a sensação ao se tornarem universitários. Após a construção dessa primeira etapa, as personagens serão estimuladas a revelar quais foram as dificuldades providas da distância ou diferenciação no nivelamento do ensino, como isso impactou na vida acadêmica e como tais desafios foram vencidos. Por fim, pretende-se compreender qual o significado gerado pelo estudo em uma universidade e como isso pode servir de exemplo para outros jovens.

Equipe Técnica

Roteiro e Direção	Marcelo Tobias
Produção	Marcelo Tobias e Ana Paula Fonseca
Fotografia	Isis Aisha
Som	Gabriel Pimentel
Edição	Marcelo Tobias
Design	Sarah Silva
Pós de Som	Gabriel Pimentel

Objetivos

Além do processo de aperfeiçoamento técnico e obrigatório para a devida finalização do curso, o objetivo por trás da obra visa apresentar a constante luta e perseverança desses jovens a procura de futuro melhor e oportunidades mais justas. Assim, servindo como modelo de ferramenta na identificação de problemáticas a serem solucionadas para a construção de uma sociedade mais igualitária.

A veiculação do documentário ocorrerá principalmente por meio da divulgação em escolas públicas da Cidade Ocidental e entorno. Como segunda meta, contemplemos Mostras, Festivais no Brasil e exterior e posteriormente através de plataformas como o YouTube e Facebook. Desta forma se obtém a chance de um alcance maior e que cumpra o papel de atuar também como mobilizador social na didática e disseminação de conhecimento.

Solicitação e Contrapartida

Através desta, solicitamos apoio e autorização para que possamos gravar as entrevistas e imagens de apoio nas dependências da escola, tendo em vista que alguns dos envolvidos com o projeto – entre eles o autor, são ex-alunos da unidade escolar.

Gostaríamos de utilizar as dependências da escola nos dias **07, 14 e 15 de abril** – finais de semana, para não atrapalhar a rotina do estabelecimento. Em contrapartida, o CEDOM será devidamente destacado como Apoio nos créditos do projeto e em possíveis materiais de divulgação e/ou agradecimento na página do Facebook (<https://www.facebook.com/>)

Cronograma de filmagens

Cronograma de entrevistados

<i>Dia de set</i>	<i>Entrevistado</i>
07 de abril (sábado)	Tallyta Viana (Engenharias-FGA) Matheus Santos (Medicina)
14 de abril (sábado)	Thayene Oliveira (ComOrg) Larissa Alencar (Nutrição)
15 de abril (domingo)	Mariane Costa (Letras-Inglês) Elaine Jansen (Biblioteconomia)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente Instrumento Particular neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, sob o CPF de nº _____. AUTORIZO sem qualquer ônus, o uso da minha imagem em todo e qualquer material produzido, entre fotos, gravações e documentos, para ser utilizada em filmes, campanhas promocionais, institucionais ou de todo teor que haja vinculação com o documentário **OCIDENTAL-UNB**, dirigido por Marcelo Tobias, sendo essas destinadas à divulgação ao público em geral (está incluso o direito de não utilizar parte ou todo o material registrado durante o processo). A presente autorização é concedida a título gratuito e abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (X) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (XI) mídias digitais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, entre outros).

O “filme” poderá ser explorado, sem limite de tempo, em todo o mundo e todas suas versões dubladas e legendadas, em todas as plataformas e mediante todos os meios atualmente conhecidos ou desconhecidos. Através dessa, também fazem a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados às minhas imagens na produção do documentário. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorização em qualquer custo ou ônus, seja à que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Assinatura

Nome, Sobrenome: